

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
O *FUNK* CONSCIENTE DE MC GARDEN

Leonardo Gomes de Souza (UEMG)

leonardogomes.jhs@gmail.com

Lídia Maria Nazaré Alves (UEMG)

lidianazare@hotmail.com

Vithor Pierkaski Maia Alves (UEMG)

vithorpierkaski@icloud.com

Ivete Monteiro de Azevedo (UEMG)

imizevedo62@gmail.com

RESUMO

Pretende-se, neste artigo, fazer a leitura do conjunto musical de Mc Garden à luz da teoria baumaniana. No primeiro momento descreveremos a visão de Zygmunt Bauman à cerca da sociedade moderna, mostraremos a formação dos seres constitutivos da sociedade: indivíduo *de jure*, cidadão e a construção do indivíduo *de facto*. Passaremos, em diálogo, pelo sujeito alienado de Marx e o processo de fetichização da mercadoria para se vislumbrar com mais clareza o indivíduo na condição *de jure*. Em seguida, Baudrillard orienta nosso olhar, a fim de percebermos a maneira pela qual a mídia perpetua esta condição. Prosseguindo, relacionaremos todo este nicho teórico com a educação, na perspectiva de Bauman, a fim de dizer a real importância desta para a transformação da realidade. Em um último suspiro, nós nos voltamos para a visão do individualismo, na perspectiva literária de Iam Watt. Em um segundo momento, nós nos debruçaremos sobre a figura de Mc Garden. Traçar-se-á o perfil histórico e cultural do *funk*, a fim de se vislumbrar o espaço ocupado por este estilo dentro da atual sociedade. Em seguida, mudaremos um pouco a ótica, a fim de descobrirmos como o Mc em questão traduz, por meio de sua arte, as teorias apresentadas no primeiro momento.

Palavras-chave: Teoria baumaniana. Mc Garden. *Funk*. Alteridade.

1. *Introdução*

A atual fase experimentada pela humanidade é, para a teoria baumaniana, uma fase líquida. Nós nos moldamos com o instante, em outras palavras, estamos em um estado permanente de instabilidade. Muitas são as razões para estarmos em tal situação. As redes sociais digitais é uma delas. Esta é geradora e ao mesmo tempo consequência desta situação. Outro ponto desta realidade é a força que as mídias possuem para interferirem na maneira como as pessoas veem o mundo. Uma das faces da mídia é o marketing. Somos uma sociedade de consumidores atesta Zygmunt Bauman (2011). Nesta condição, as minorias tendem a ser caladas, pois seu poder aquisitivo é ínfimo se comparado ao daquele grupo que

Karl Heinrich Marx denominou em sua teoria de burguesia. Essas minorias, no entanto, criam e recriam mecanismos para se expressarem ante a ferocidade do mundo. Alteridade, enquanto expressão do que se é, cria muitos estilos de escrita, música, dança enfim de manifestações socioculturais. Neste artigo analisar-se-á como manifestação cultural das minorias o *funk*. Dentro deste estilo e letra de Mc Garden (Lucas Rocha da Silva) e como este está atrelado às raízes deste movimento cultural. Esta se mostra autêntica e afiada com as diversas questões vivenciadas pela humanidade em diversos níveis. A poesia de sua música busca representar os contextos humanos desde o nível internacional ao local.

2. A liquidez do mundo contemporâneo

Dentre os inúmeros sociólogos que escreveram sobre a sociedade contemporânea, no afã de caracterizá-la, o mais produtivo, no que se refere à quantidade de abordagens sobre a mesma, é Zygmunt Bauman. Uma consulta no Google é suficiente para confirmar nossa assertiva, motivo pelo qual nos privaremos do trabalho de justificá-la. Um segundo autor que não deve ser preterido aos que se manifestam sobre a contemporaneidade é o escritor e filósofo estadunidense Marshall Berman, que caracteriza a modernidade a partir da análise de obras literárias. Outro autor que seguiu a mesma metodologia de Berman é Ian Watt. Um quarto autor, que, por sinal, dialoga com Berman é o geógrafo britânico David Harvey. O referido consegue caracterizar a tradição e a modernidade com bastante convicção, nomeando, inclusive, esse novo momento cultural, que nos circunscreve a todos como contemporaneidade. A leitura das obras desses teóricos confere-nos autoridade para falar a respeito do novo caldo cultural que nos contém. Quando dizemos “nos contém”, esse “nos” é dito à luz da globalização que já nos alcançou a todos, com raras exceções.

Zygmunt Bauman trabalha em seu livro modernidade líquida (2001) com cinco conceitos que permeiam toda a vida humana, a saber: emancipação, individualidade, tempo/espço, trabalho, comunidade. Líquidos são instantâneos, extremamente maleáveis. “Os fluidos se movem rapidamente. Eles ‘fluem’, ‘escorrem’, ‘esvaem-se’, ‘respingam’, ‘transbordam’, ‘vazam’, ‘inundam’, ‘borrifam’, ‘pingam’; são ‘filtrados’, ‘destilados’; diferentemente dos sólidos, não são facilmente contidos” (BAUMAN, 2001, p. 8). Zygmunt Bauman considera este um bom motivo para considerar “liquidez” como uma analogia adequada a sociedades

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

hodiernas. No primeiro capítulo do já citado livro Zygmunt Bauman caracteriza a morte da modernidade sólida, rígida e o nascimento da sociedade líquida, fluida. Os membros da nova sociedade têm sede de liberdade por isso deixam para trás tudo o que os remete ao sólido. E mesmo os sólidos que heroicamente ainda resistem sofrem de uma grave doença. Já não são tão rígidos e fortes quanto eram antes (BAUMAN, 2001). Mantêm-se no início do capítulo um diálogo entre Zygmunt Bauman e Herbert Marcuse. Marcuse reclama que hoje existe a necessidade de se ser liberto de uma sociedade próspera em múltiplos sentidos. Diante desta sociedade não há o desejo de libertação. Diante desta fala Zygmunt Bauman afirma que o problema, para Marcuse, não está na necessidade de se libertar, mas “o que era um problema – o problema específico para a sociedade que ‘cumpre o que prometeu’- era a falta de uma ‘base de massas’ para a libertação”. (BAUMAN, 2001, p. 23)

Ao abrir o capítulo com o texto de Marcuse, Zygmunt Bauman objetiva mostrar que a prosperidade da sociedade atual é a principal amarra para que os indivíduos se mantenham em um estado de liberdade subjetiva. Estão dominados pelo mercado. Não é à toa que Zygmunt Bauman afirma ser nossa sociedade uma sociedade de consumidores. Esta sociedade fluida tem por característica o processo de individualização, desfazendo as configurações que geram cidadãos para configurar, a todos, como indivíduos. “A apresentação dos membros como indivíduos é a marca registrada da sociedade moderna” (BAUMAN, 2001, p. 39). Neste contexto as pessoas se emancipam/libertam-se. Zygmunt Bauman define libertar-se como quebrar as correntes que impedem os movimentos e o sentir-se livre como o não experimentar mordanças, não sentir as forças contrárias aos movimentos. Forças estas produzidas pelas algemas sociais.

A diferença entre ser e sentir-se livre parece sutil, mas na prática é gigantesca. Ser livre é de fato possuir e usufruir da liberdade, porém sentir-se livre é um sentimento, por isso, instável. Nas palavras de Zygmunt Bauman: fluido. Portanto o sentimento de se estar livre não dá certeza nenhuma de posse da liberdade. Esta pessoa que só se sente livre para agir segundo a sua vontade, mas que na realidade age por ditames de terceiros sem que nem ele mesmo o perceba Zygmunt Bauman denomina Indivíduo *de jure*, em outras palavras estes seriam aqueles que pensam agir segundo as suas próprias vontades e no uso pleno de sua liberdade, no entanto, é dirigido por outras pessoas. (BAUMAN, 2001). Zygmunt Bauman distingue, em outro momento, a necessidade objetiva de se ser

liberto e esta necessidade em seu caráter subjetivo. Essas duas categorias se distinguem quanto à vontade do indivíduo de ser liberto. O indivíduo urge por liberdade, mas não percebe. Isto porque se sente livre. Este fato o torna dominado. O indivíduo também pode se perceber dominado. Ao se perceber neste estado, aceita as tentativas de libertação porque se percebe necessitado delas e concomitantemente luta por libertação. Esta pessoa provavelmente desfrutará de uma liberdade, em certo sentido, plena. Uma liberdade mais profunda do que o ser que se recusa a libertação.

Até aqui trabalhamos a liberdade e suas nuances na vida humana dentro do contexto da modernidade líquida. Esta é a base para que se entendam as personagens motoras da sociedade moderna: Indivíduo *de jure*, cidadão e indivíduo *de facto*. Este, porém, é assunto para um segundo momento.

Na parte que se segue trabalharemos as bases da sociedade: transformação sólido/líquido e seus impactos na vida real do cidadão.

Zygmunt Bauman atribui à mudança sólido/líquida à economia. No segundo capítulo de seu livro fala sobre isto. Este capítulo tem por título individualidade. Zygmunt Bauman inicia o mesmo apresentando a obra de Huxley e Orwell. Estes desenvolveram caminhos distintos para um mesmo mundo a vir, a surgir. “O de Orwell era um mundo de miséria e destituição, de escassez e necessidade; o de Huxley era uma terra de opulência e devassidão, de abundancia e saciedade”. (BAUMAN, 2001, p. 64)

O que aproxima essas duas teorias é o mundo que elas geram: um mundo totalmente controlado, dividido entre os que mandam e os que obedecem. Um mundo, em certo sentido, militarizado. “O fato de o futuro trazer menos liberdade, mais controle, vigilância e opressão não estava em discussão”. (BAUMAN, 2001, p. 65)

Na esteira de Nigel Thrift, Zygmunt Bauman identifica esse discurso como sendo de Joshua: “enquanto no discurso de Joshua a ordem é a regra e a desordem, uma exceção no discurso do gênesis à desordem é a regra e a ordem uma exceção” (BAUMAN, 2001, p. 66). Isto é, para os autores a única possibilidade inviável de mundo seria aquele em que o Estado, o sólido deixasse de ser a força guia das relações. O capitalismo sólido era o pilar que sustentava o discurso sólido: “o mundo que sustentava o discurso de Joshua e lhe dava credibilidade era o mundo fordista” (BAUMAN, 2001, p. 67). Com base em Alain Lipietz, Zygmunt Bauman afirma que o fordismo em seu auge foi um modo de industrializar, de

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

acumulação financeira e de regulamentar. O capitalismo mudou e com ele o mundo, assim, o inviável se concretizou. O mundo que não concebia a possibilidade de ser derretido, hoje flui.

O mundo do fluido é regido por um novo tipo de discurso: “até recentemente era o discurso de Joshua; agora, e cada vez mais, é o discurso do gênesis” (BAUMAN, 2001, p. 67), isto é, o discurso do provisório, do instável, do que se está em contínuo processo de alteração. Se percebermos as mudanças do capitalismo se percebe, por consequência, a mudança na organização social: “em seu estágio pesado, o capital estava tão fixado ao solo quanto os trabalhadores que empregavam. Hoje o capital viaja leve - apenas com a bagagem de mão, que inclui nada mais que pasta, telefone celular e computador portátil”. (BAUMAN, 2001, p. 70)

Hoje o capitalismo é leve, segundo o sociólogo polonês “amigável com o consumidor” (BAUMAN, 2001, p. 76). Mas a figura da autoridade ainda se faz presente. No entanto as hodiernas autoridades não se impõem, mas, sim, são escolhidas. Assim, o neocapitalismo “não aboliu as autoridades que ditam leis, nem as tornou dispensáveis” (*Idem, ibidem*). Ele sim “Apenas deu lugar e permitiu que coexistissem autoridades em número tão grande que nenhum poderia se manter por muito tempo e menos ainda atingir a posição de exclusividade” (*Idem, ibidem*). Hoje, há a multiplicidade de autoridades. Nesta situação as várias autoridades “tendem a cancelar-se mutuamente, e a única autoridade efetiva na área é a que pode escolher entre elas” (*Idem, ibidem*). O indivíduo escolhe seus líderes: “É por cortesia de quem escolhe que a autoridade se torna uma autoridade. As autoridades não mais ordenam; elas se tornam agradáveis a quem escolhe; tentam e seduzem”. (*Idem, ibidem*)

Para os articulistas, a teorização supracitada deixa evidente que a economia é o ditame social de alto valor transformativo da realidade. A transformação da economia mudou o jeito como o ser humano gere a sua vida. Transformou o mundo rígido, sólido, de um capitalismo pesado, para um mundo líquido, fluido e de um capitalismo leve. Com isso permitiu-se uma nova configuração da realidade.

3. *Os três tipos de sujeitos*

A travessia que o indivíduo e a sociedade devem fazer concomitantemente é de um indivíduo de *jure* para cidadão e de cidadão para indivíduo *de facto*. Porém “há um grande e crescente abismo entre a condi-

ção de indivíduos *de jure* e suas chances de se tornar indivíduos *de facto* – isto é, de ganhar controle sobre seus destinos e tomar as decisões que em verdade desejam”. (BAUMAN, 2001, p. 48)

Há entre o indivíduo e o cidadão uma inimizade abissal. “‘O cidadão’ é uma pessoa que tende a buscar seu próprio bem-estar através do bem-estar da cidade” (BAUMAN, 2001 p. 45) por outro lado “o indivíduo tende a ser morno, cético ou prudente em relação a ‘causa comum’”. (*Idem, ibidem*). Zygmunt Bauman resume tudo isto em uma constatação: “Em suma: o outro lado da individualização parece ser a corrosão e a lenta desintegração da cidadania”. (*Idem, p. 46*)

Quando o indivíduo se tornar cidadão e, por consequência, ele e a sociedade se tornarem autônomas com a capacidade de decidirem por si mesmos, sem o processo alienatório que tira do ser toda a capacidade de reflexão, se chegará ao estágio último: o indivíduo *de facto*. A cidadania é o caminho: “O indivíduo *de jure* não pode se tornar indivíduo *de facto* sem antes se tornar *cidadão*” (BAUMAN, 2001, p. 50). Zygmunt Bauman esclarece dizendo que não existe indivíduo emancipado (entenda-se autônomo) sem que haja uma sociedade em mesma condição, além disso, deve-se saber que “a autonomia da sociedade requer uma autoconstituição deliberada e perpétua, algo que só pode ser uma realização compartilhada de seus membros”. (*Idem, ibidem*)

Essa passagem só pode ser concebida mediante uma expansão de mundo do próprio indivíduo. Deve ser alterada a relação que é mantida consigo uma vez que se está reformulando a postura de vida, com o mundo e com o outro. Só um ser crítico consegue fazer este processo.

4. O mercado midiático e a formação do indivíduo *de jure*

Uma das maneiras de se forjar a individualidade *de jure* no ser é a publicidade. Jean Baudrillard afirma que “a publicidade tem como tarefa informar as características deste ou daquele produto e promover a sua venda” (BAUDRILLARD, 2000, p. 291); prossegue o sociólogo francês dizendo que “da informação, a publicidade passou à persuasão, depois à ‘persuasão clandestina’” (*Idem, ibidem*), por fim, alerta, “temo-nos amedrontado diante da ameaça de condicionamento totalitário do homem e suas necessidades” (*Idem, ibidem*). Isto, porém, não é explícito, o que deixa o indivíduo com a sensação de liberdade, sentindo-se livre, explica Jean Baudrillard “o discurso publicitário dissuade ao mesmo tempo que

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

persuade e daí parece que o consumidor é, se não imunizado, pelo menos um usuário bastante livre da mensagem publicitária”. (*Idem, ibidem*)

Jean Baudrillard diante da imunização aos recursos publicitários prossegue atestando que a publicidade nos induz em aspectos vitais para que se mantenha a ordem estabelecida: “a função explícita da publicidade não nos deve enganar: se ela não persuade o consumidor quanto a certa marca precisa [...], o faz quanto a outra coisa mais fundamental para a ordem da sociedade inteira” (*Idem*, p. 292). Em Zygmunt Bauman esta ordem está em constante alteração.

Jean Baudrillard em outro ponto fala da percepção do poder manipulador da mídia. “Os que negam o poder de condicionamento da publicidade (dos *mass media* em geral) não descobriram a lógica particular de sua eficácia” (BAUDRILLARD, 2000, p. 292). Sobre esta lógica prossegue ele “não mais se trata de uma lógica do enunciado e da prova, mas sim de uma lógica da fábula e da adesão” (*Idem, ibidem*). Para exemplificar isto, Jean Baudrillard cita a relação mantida entre as crianças modernas e o tradicional Papai Noel. Para o sociólogo não existe hoje o questionamento sobre a existência de tal ser assim como não se constrói mais a relação entre o Papai Noel e o presente no fim do ano (*Idem, ibidem*). Para Jean Baudrillard “a crença no Papai Noel é uma fábulação racionalizante que permite preservar na segunda infância a relação miraculosa de gratificação pelos pais” (*Idem, ibidem*). Para o autor, essa relação mantida pela criança através da imagem do Papai Noel se mantém, também, em outros âmbitos: “O que ela consome por meio dessa imagem, [...] é o jogo da solicitude miraculosa dos pais e os cuidados que estes assumem em serem cúmplices da fábula”. (*Idem*, p. 293)

Analisando a publicidade a partir desta relação conclui o autor que “nem o discurso retórico, nem mesmo o discurso informativo acerca das virtudes do produto tem efeito decisivo sobre o comprador” (*Idem, ibidem*). Estes detalhes não são decisivos na hora de comprar como afirma Jean Baudrillard. Ele esclarece a que as pessoas são atentas na hora de suas compras: O ser em sua individualidade é sensível aos estímulos de proteção e gratificação, “ao cuidado que ‘se’ tem de solicitá-lo e persuadi-lo, ao signo, ilegível à consciência, de em alguma parte existir uma instância” (*Idem, ibidem*) que concorda em comunicá-lo, quais são os seus reais desejos. O autor argumenta que o indivíduo não acredita na publicidade da mesma forma que não acredita no Papai Noel. Porém isto não o impede de “aderir da mesma maneira a uma situação infantil interiorizada e de se comportar de acordo com ela” (*Idem, ibidem*). Eis aí a

atuação muito competente da “publicidade, segundo uma lógica que, embora sem ser a do condicionamento-reflexo, não é menor rigorosa: lógica de crença e regressão”. (*Idem, ibidem*)

A publicidade, como Jean Baudrillard demonstra em sua fala, busca usar do desejo de proteção e recompensa interiorizado nas pessoas para agir. Desta maneira “a publicidade se afana, em sentido inverso, em recriar uma confusão infantil entre o objeto e o desejo do objeto” (BAUDRILLARD, 2000, p. 294). A publicidade faz com que o indivíduo retorne a uma condição de infantilidade onde a criança confunde a mãe com o presente que ela dá. A publicidade assim é uma das forças motrizes para que o indivíduo se mantenha na condição *de jure*.

Sociedade, indivíduos e dependências são as chaves para se entender o indivíduo *de jure*. Zygmunt Bauman explica que Norbert Elias em seu livro “a sociedade dos indivíduos” põe fim ao antagonismo existente entre sociedade e indivíduos. “Elias substitui o ‘e’ e o ‘versus’ pelo ‘de’” (BAUMAN, 2001, p. 39) desta forma ele transporta o discurso do “imaginário das duas forças, travadas numa batalha mortal, mas infundável entre liberdade e dominação, para uma ‘concepção recíproca’” (*Idem, ibidem*). A sociedade configura a individualidade de seus membros enquanto os indivíduos são os construtores da sociedade por meio de seus atos. A sociedade forma o indivíduo, o indivíduo gera a sociedade. Os indivíduos formam a sociedade “enquanto seguem estratégias plausíveis e factíveis na rede socialmente tecida de suas dependências” (*Idem, ibidem*). Nesta relação indivíduo-sociedade, Jean Baudrillard desconfia desta perfeita união ao ser esta mediada pela publicidade. Assim no momento em que a publicidade propõe “A sociedade adapta-se totalmente a você, integre-se totalmente nela” é claro que a reciprocidade é falsificada” isto porque a sociedade “é uma instância imaginária que se adapta” ao indivíduo. Em sentido contrário o indivíduo se adapta “a uma ordem bem real”. (BAUDRILLARD, 2000, p. 294)

A marca do indivíduo *de jure* é a individualização, ou individualização, e em decorrência dela o abandono total da preocupação com o coletivo. A cidadania está sofrendo xeque-mate, pois se cada célula do organismo, que é o indivíduo, decide não mais cooperar para o todo (sociedade), o organismo morre. Sem a preocupação com o coletivo não há cidadania. O problema é que quão mais isolado e individualista está o indivíduo mais a sociedade está alienada e sem o real poder de decidir.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

Isso está mexendo até mesmo na identidade humana. O ser humano é definido como social, um ser pertencente a uma comunidade e em resposta essa comunidade lhe conferiria, de uma maneira pré-fabricada, a sua identidade. Hoje a comunidade, em sendo um sólido, derreteu e se tornou fluida. Em poucas palavras “a ‘individualização’ consiste em transformar a ‘identidade’ humana de um ‘dado’ em uma ‘tarefa’” (BAUMAN, 2001, p. 40). A segunda fase da individualização é o “encarregar os atores da responsabilidade de realizar essa tarefa e das consequências (assim como dos efeitos colaterais)” (*Idem, ibidem*). Dito de outra maneira “consiste no estabelecimento de uma autonomia *de jure*”. (*Idem, ibidem*)

O indivíduo que toma consciência deste processo e inicia uma jornada contrária a tudo isto alcançará o estado de indivíduo *de facto*. Entre o indivíduo *de jure* e *de facto* Zygmunt Bauman atesta a formação do cidadão.

A questão é que “o abismo entre individualidade como fatalidade e a individualidade como capacidade realista e prática de autoafirmação está aumentando” (*Idem*, p. 43). Em outras palavras, o abismo entre o indivíduo *de jure* e o *de facto* está crescendo.

5. Educação: quebra do indivíduo *de jure*

No livro “*Sobre Educação Juventude* Zygmunt Bauman (2013) reflete sobre o papel da educação e o destino dos jovens na atual modernidade líquida. É afirmado por Zygmunt Bauman que “o único propósito invariável da educação era, é e continuará a ser a preparação desses jovens para a vida segundo as realidades que tenderão a enfrentar” (BAUMAN, 2013, p. 16). A educação/formação tem a grande responsabilidade de guiar o mundo à manifestação concreta da individualidade *de facto*. Assim “para estarem preparados, eles precisam da instrução: ‘conhecimento prático, concreto e imediatamente aplicável’” (*Idem, ibidem*). Zygmunt Bauman conclui que “para ser ‘prático’, o ensino de qualidade precisa provocar e propagar a abertura, não a oclusão mental”. (*Idem, ibidem*)

Nosso artigo busca a abertura das mentes, a fim de dar condições aos indivíduos *de jure* de desenvolverem sua criticidade. O ser crítico está pronto para a passagem que o levará a individualidade *de facto*.

Uma das facetas mais evidentes de como o indivíduo *de jure* pensa ser livre, mas tem a sua liberdade solapada, está no consumo desenfreado por parte das pessoas. Este consumo nos é imposto por um mercado cada vez mais poderoso e com mais armas de sedução, dentre elas, a publicidade.

Relacionando o consumo e o poder transformador da educação, Zygmunt Bauman nos diz que a educação ainda é o que possui força para nos levar a quebrar os grilhões da moderna escravidão. A escravidão do consumo. Apetite sempre insatisfeito com o que já recebeu (BAUMAN, 2013). Diz ele “é por causa desse apetite rigorosamente treinado e já muitíssimo entranhado que nos vemos sempre encorajados e inclinados a nos comportar de forma egoísta e materialista” (*Idem*, p. 20). Prossegue dando esclarecimentos sobre a praticidade deste comportamento: “uma espécie de comportamento indispensável para manter funcionando nosso tipo de economia, a economia consumista”. (*Idem, ibidem*)

Gastar, consumir. São as marcas que nossa escravidão externa. O mercado usa-nos, pois “somos instigados, forçados ou induzidos a comprar e gastar – a gastar o que temos e o que não temos, mas que esperamos ganhar no futuro” (*Idem, ibidem*). Sobre isto Zygmunt Bauman proclama. Se não mudar radicalmente, continuaremos escravos. “A menos que isso passe por uma mudança radical, são mínimas as chances de dissidência efetiva e de libertação dos ditames do mercado. As possibilidades em contrário são esmagadoras”. (*Idem, ibidem*).

Para Zygmunt Bauman a educação é a salvação embora também esta esteja bem enfraquecida (BAUMAN, 2013). Para solucionar tudo isto “nada menos que uma ‘revolução cultural’ pode funcionar” (BAUMAN, 2013, p. 20). Assim, conclui Zygmunt Bauman, “embora os poderes do atual sistema educacional pareçam limitados, e ele próprio seja cada vez mais submetido ao jogo consumista, ainda tem poderes de transformação suficientes para ser considerado um dos fatores promissores para essa revolução”. (*Idem, ibidem*)

Os articulistas, em consonância com Zygmunt Bauman, acreditam no poder transformador da educação. Educar aqui é entendido como a mais importante e profunda obra humana. Educar é garantir o futuro da humanidade, é garantir que este futuro seja melhor, seja mais autêntico. É ajudar as novas gerações a possuírem e a construírem um mundo melhor.

Outro ponto que aos olhos dos articulistas merecem destaque é o fator de transformação sociocultural da educação. A educação para ser

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

um processo autêntico de formação de uma sociedade melhor exige o respeito ao que é próprio de cada indivíduo e aos grupos socioculturais a que cada indivíduo se filia.

6. *Um pouco mais sobre o individualismo: Ian Watt*

Outro autor que nos ajuda a desmascarar o individualismo moderno é Ian Watt com o seu livro “mitos do individualismo moderno” (1997). Neste livro o autor trabalha com as histórias de Fausto, Dom Quixote, Dom Juan e Robinson Crusoe. Esses mitos – aqui entendidos como ‘uma história tradicional largamente conhecida no âmbito da cultura, que é creditada como uma crença histórica ou quase histórica, e que encarna ou simboliza alguns dos valores básicos de uma sociedade’ (WATT, 1997, p. 16) – encarnam como principal valor o individualismo mesmo que este estivesse distante de possuir as modernas configurações da fase líquida.

Segundo Ian Watt indivíduo e individualismo vêm de *individuus* palavra latina que significa indivisível. Ian Watt também recorre para definir esses conceitos ao *Oxford English Dictionary*. Para este dicionário indivíduo é a “característica de um ser humano isolado” (WATT, 1997, p. 128), o dicionário segue citando Francis Bacon: ‘Nas maneiras dos homens educados há algo de pessoal e individual’. (*Idem, ibidem*)

À primeira vista os protagonistas dos já citados mitos são figuras quase que antagônicas. Mas se olhadas pela ótica da individualidade esta realidade já se altera. Fausto, Dom Quixote, Dom Juan e Robinson Crusoe “todos eles cabem na primeira definição do verbete ‘individualismo’ do *Oxford English Dictionary*” (WATT, 1997, p. 129-130). Ian Watt prossegue citando tal definição como sendo o “sentimento ou conduta autocrática como princípio ação ou pensamento individual livre e independente”. (WATT, 1997, p. 130)

Ian Watt define os heróis de seus respectivos mitos como “Monomaníacos ideológicos” (*Idem, ibidem*). Isto porque “é a qualquer preço que todos querem alcançar o objetivo escolhido” (*Idem, ibidem*). Isto se deve ao fato de eles terem “egos exorbitantes” (*Idem, ibidem*) e fazerem o que até então não se fazia. Isto é “cada um faz sua escolha com inteira liberdade” (*Idem, ibidem*).

Ian Watt segue analisando o estilo de vida dos protagonistas destas histórias. Entre suas conclusões temos o autorretrato do individualis-

mo. Assim diz ele: “Os nossos heróis são mais que viajantes contumazes: são, em boa medida, nômades solitários” (WATT, 1997, p. 131). A partir desta constatação o professor segue analisando os laços humanos mantidos pelos heróis. Em relação à família, considerando a condição de nômades solitários, diz Ian Watt que eles eram “voluntariamente desembaraçados dos laços familiares” (WATT, 1997, p. 131), isto porque “nenhum deles tem um pai para recordar; nem irmãos, esposas ou filhos; ou têm, mas deles se desligaram; e nunca assumiram o compromisso de um casamento convencional” (*Idem, ibidem*). Em relação à amizade, continua nosso professor “é igualmente verdade que nenhum deles estabeleceu amizades estreitas e sólidas nem mesmo com homens ou mulheres cujas opiniões fossem semelhantes às suas” (*Idem, ibidem*). Esta debilidade dos laços pode ser enxergada nos dias de hoje, é uma das consequências da individuação.

Para Ian Watt as personagens em questão se decidiram por não construir laços fortes e duradouros por estes “ser vistos como verdadeiras ameaças às suas personalidades centradas em si próprias” (WATT, 1997, p. 132-133). O que eles possuíam de mais próximo a um amigo eram os seus fiéis servidores. Sobre eles falam Ian Watt: “o servidor está destinado a aumentar, por contraste, a importância do eu dos três heróis”. (WATT, 1997, p. 133)

Ian Watt conclui esta fase de seu trabalho admitindo que foi breve a “abordagens das semelhanças” (*Idem, ibidem*). Dentre os heróis, porém, esta “descortina sem dúvida uma ampla área de convergência: as semelhanças entre os três são analiticamente relacionadas ao conceito de individualismo”. (*Idem, ibidem*)

Ian Watt continua descrevendo o processo histórico de implantação do individualismo na sociedade. Ele inicia sua fala dizendo que antes de qualquer coisa, precisamos entender se o individualismo é um fenômeno moderno do mundo ocidental ou seria este um fenômeno de maior expressão abarcando também manifestações em diferentes épocas e lugares. (WATT, 1997)

Ian Watt, diante destes questionamentos, aborda definições para individualismo e aplica este conceito a figuras consagradas pela história universal. Entre as definições está a psicológica. Nesta, individualismo é sinônimo de “egoísmo, indicando uma total independência interna do indivíduo em relação às outras pessoas ou as instituições” (WATT, 1997, p. 235). Neste sentido, continua o professor Ian Watt, não se pode negar

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

que “Sócrates, o pensador ateniense ou a Mao Tsé-Tung, o líder chinês” o adjetivo de individualistas. Porém, individualismo, no início, analisa Ian Watt, “não era essencialmente um termo psicológico; era fundamentalmente, e ainda é, uma especificação social; quando as pessoas são conscientemente individualistas, estamos diante de um sinal de que o conceito é familiar e arraigado e sua cultura”. (WATT, 1997, p. 235)

Sobre a gênese do individualismo Ian Watt cita Luis Dumont autor do livro *Essais sur l'individualisme: une perspective anthropologique sur l'idéologie moderne*. Ian Watt diz que, em suma, “Dumont vê a institucionalização do individualismo como algo que começou com uma base cristã, desenvolvendo-se a partir da ideia geral de uma sociedade secular concebida para ser uma união espiritual de crentes” (WATT, 1997, p. 236). Continua Ian Watt esclarecendo que nesta união, “cada indivíduo seria uma entidade moralmente autônoma” (*Idem, ibidem*). Sobre esta sociedade Ian Watt afirma que ela “ficou confinada a certos limites históricos e geográficos; não poderia ser encontrada na China ou na Índia” (*Idem, ibidem*). Finaliza Ian Watt sobre o individualismo: ele “é um fenômeno do mundo ocidental; começou com o cristianismo e foi desenvolvido pela reforma, e, nesta, especialmente por Calvino”. (*Idem, ibidem*)

Ian Watt conclui a sua apresentação sobre o individualismo afirmando que “é óbvia a importância do aumento gradual da aprovação pública ao individualismo para as mudanças experimentadas pelos quatro mitos de que trata esse livro” (WATT, 1997, p. 240). Continua Ian Watt falando da concepção sociológica do termo individualismo, há, neste ponto, um diálogo com Zygmunt Bauman, haja vista que ele encara o individualismo como algo recente na história humana. Assim, relata Ian Watt a respeito do conceito sociológico de individualismo, este está ligado a visão histórica. Assim tem-se que o “‘individualismo’ como uma característica ideológica relativamente moderna na história, é basicamente limitada às sociedades ocidentais” (*Idem, ibidem*). Essa concepção sociológica em diálogo com os mitos trabalhados no livro de Ian Watt leva o autor a concluir que, nas palavras de Watt, “nossos quatro mitos eram historicamente novos; e sob este aspecto eles refletem a nova ênfase de sua época na primazia social e política do indivíduo”. (*Idem, ibidem*)

7. A fetichização da mercadoria

Fernanda Henrique Cupertino trabalha no segundo capítulo de seu livro com a teoria marxiana, isto é, com a teoria produzida pelo sociólogo clássico Karl Marx. É fato que o teórico do comunismo produziu sua obra e pensamento na fase sólida da modernidade. Isto, porém, não tira seu mérito e muito menos a fama de seus estudos enquanto profundo entendedor dos mecanismos capitalistas. Marx propôs um sistema que os marxistas, ao adotarem, mudaram os rumos da história humana. Mas antes de propor o novo ele, evidentemente, teve de entender o que estava. Os articulistas também têm clareza de que o capitalismo presenciado por Marx é um antepassado do capitalismo vivenciado nos presentes dias. No entanto, gostaria de reforçar os articulistas, ele é um pensador que nos possibilita uma maior clareza quanto às relações mantidas pelo capitalismo e os desdobramentos destes.

A autora abre o capítulo comparando o pensamento de Marx com o de Conte. Do caráter revolucionário de Marx e em certo sentido a visão pacifista de Conte. Em um segundo momento a autora descreve a turbulenta biografia de nosso teórico. No item sete do capítulo a autora dissera sobre a relação entre capital e sociedade capitalista.

A autora argumenta que o capitalismo se difere de outros sistemas de produção, porque dissocia o produtor do produto. Esta relação produtor/produto é, no capitalismo, conflituosa porque este sistema econômico “aliena o trabalhador ao promover a divisão do trabalho social e a especialização das funções, impedindo-o de perceber o que de fato o seu trabalho produziu” (ALCÂNTARA, 2008, p. 68). Isto o torna apto “a ser convencido de que seu trabalho vale menos do que o valor real” (*Idem, ibidem*). Deste fato decorre a condição de mercadoria a que é imposto o trabalhador.

Marx tem como âmago do capitalismo a mercadoria. Isso se deve ao fato de que, para o teórico, o próprio trabalhador se tornar uma mercadoria ao vender sua força de trabalho. Faz-se necessário, a fim de uma maior clareza sobre o funcionamento do capitalismo, uma análise mais profunda da mercadoria.

Para Marx mercadoria possui valor de uso e valor de troca. Desta forma “a mercadoria possui utilidade quando tomada para consumo, ou seja, possui *valor de troca*” (*Idem*, p. 69). Então mercadoria é o que possui valor de consumo. O segundo tipo de valor relaciona-se com o valor financeiro: “a mercadoria também possui *valor de troca*, isto é, caracteri-

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

za-se como um produto que pode ser trocado por outro ou por moeda de qualquer espécie” (*Idem, ibidem*). Sobre o valor final de uma mercadoria incide também o tempo gasto em sua produção. Esta última evidencia-se na relação de compra e venda da força de trabalho. Esta, ao ser vendida, será usada para produzir alguma outra mercadoria, isto é, alguém está gastando tempo para fabricar algo.

Tendo por base esta teorização, para os articulistas, ficam evidentes os motivos pelos quais a mercadoria, diríamos melhor, o consumo é o coração do capitalismo.

Para Marx a relação produção, produtor, produto mantém a alienação e, por consequência, a exploração do trabalhador por parte dos donos dos meios de produção. Dentro deste processo alienatório surge à mais-valia. Isto é, a apropriação indevida do dono do capital do trabalho excedente (trabalho não remunerado) e das mercadorias excedentes fabricadas pelo trabalhador. Não remunerado aqui se explica pelo fato de que o valor recebido nos salários não é equivalente ao que se é ofertado em forma de força de trabalho.

Fernanda Henrique Cupertino Alcântara explica que para Marx a base da exploração capitalista é a alienação. Nas palavras da autora: “Os indivíduos não conseguem enxergar a *essência* das coisas e fenômenos sociais, por isso, acreditam que tudo é *natural*, assim como a exploração capitalista”. (ALCÂNTARA, 2008, p. 73)

Esta atitude passiva que é imposta aos indivíduos, para os articulistas, é fundamental para a manutenção do indivíduo *de jure*. Ou seja, a fetichização da mercadoria enquanto “a crença transmitida politicamente aos indivíduos de que o processo de produção, abarcando nele a exploração do trabalhador, é *natural*” (*Idem*, p. 74), é de fundamental importância para a não transformação do indivíduo dominado (*de jure*) em cidadão e este em indivíduo *de facto*.

Marx, e por consequência a autora, se mantém na relação produtor-produtor-patrão e por meio desta relação enxerga o mundo. Nós, os articulistas, afiadados com nosso contexto, vamos além. A alienação hoje vai além da mantida com o funcionário. Ela abarca, fundamentalmente, o consumidor. Hoje não importa mais quem produz ou mesmo como produz. O capitalismo hodierno tem a sua fonte da juventude no consumidor. Este foi alienado. Deste fato surgem frases como: “Eu não posso viver sem tal produto” ou mesmo sem uma rede social digital famosa. O capitalismo ao fazer do produto uma quase extensão do organismo hu-

mano, fez e faz das pessoas fantoches prontas ao pleno exercício de sua liberdade de comprar. A fetichização se faz sempre presente uma vez que aos olhos de boa parte da população esta situação é natural, por que não dizer necessária e satisfatória.

8. *Funk: um olhar histórico-cultural*

A pesquisadora Iara Félix Viana em sua dissertação de mestrado intitulada “Mulheres negras e baile *funk*: sexualidade, violência e lazer” nos oferece uma breve descrição histórica a respeito do *funk*. Segundo a pesquisadora o *funk*, no Brasil, surge nos anos 70 como uma evolução dos então bailes *blacks*. Porém foi na década de 80 que o *funk* começa a ganhar destaque no campo musical. Este se desenvolveu embalado pelos sons dos melôs. Iara Félix Viana, em outro ponto de seu estudo, apresenta as possíveis influências africanas sob o estilo musical em tela. “a matriz do *funk* reporta também à tradição musical africana, reelaborada na diáspora” (VIANA, 2013, p. 50). A escritora segue afirmando que vários estudos buscam descrever as relações existentes entre “a sonoridade africana baseada no ritmo e com a tradição oral dos ‘griots’, que foram incorporados na experiência cultural dos afro-americanos através de uma série de práticas, dentre elas o ‘toast’”. (VIANA, 2013, p. 50-51)

Luciano Debom Steiw (2013) é outro pesquisador que em sua dissertação intitulada “Estilos juvenis na periferia urbana – conhecendo culturas de alunos de uma escola municipal na Restinga velha” trabalha com o *funk* como produto e formador da cultura juvenil. Luciano Debom Steiw, em seu texto, objetiva delinear a cultura jovem de alunos de uma escola do Bairro Restinga, cidade de Porto Alegre. Em um dos itens, nosso teórico desenvolve o texto sob a égide do seguinte título: “Cenários musicais juvenis: ‘o *funk* tá virando uma cultura’”. Dentro deste tópico é mostrado como o *funk* está presente na realidade dos jovens da escola em questão. Para o autor, o *funk* se tornou um estilo que passeia pelos diversos contextos, por exemplo, “um dos rapazes do grupo estudado, ao mesmo tempo em que admira o *Funk*, também tinha gosto pela música gaúcha” (STEIW, 2013, p. 69). Outro caso que ilustra esta situação é o da garota que canta no coral da Igreja e convenceu ao pai a tocar *funk* em sua festa de 15 anos (STEIW, 2013). Nosso pesquisador afirma que o *funk* parece ser um distintivo para demarcar grupos. A partir disso, é importante perceber que os artistas admirados pelos alunos não provêm da Restinga (bairro onde se localiza a escola em questão), mas de outras pe-

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

riferias e abordam, nas suas letras, temáticas semelhantes às vivenciadas pelos alunos em seus próprios contextos.

Para os articulistas isto deixa evidente que o *funk* faz parte da cultura brasileira. Desde o sul até o norte há grupos sociais que se ligam a este estilo e este estilo evoca a memória coletiva deste grupo.

9. *Mc Gardem*

Cybelle Tastaldi Al-Assal afirma que a memória se constitui de ‘sensorialidades’, isto é, “de cheiros, sons, imagens quentes e frios” (AL-ASSAL, 2013, p. 29). Para os articulistas isto evidencia que o *funk* fala àqueles que o ouvem em uma relação que está para além da música, sem deixar de ser uma relação musical, uma relação que evoca os cheiros, sons, imagens, quentes e frios da história/identidade desse povo. Desta forma o *funk* está para além da música porque, na música, está toda a realidade e sofrimentos, aspirações das maiores camadas sociais. A história de um povo narrada, assim como, os valores e contra valores presentes na sociedade.

Mc Gardem na sua música “Vários Perdidos e Homenagem ao Kinho” exemplifica isto muito bem. Ele canta:

Vários amigos perdi
nessa vida de ilusão
pra quem entra nela só tem dois caminhos
a cadeia ou o caixão

(SILVA, 2015)

Esse trecho deixa clara a tristeza de um amigo ao ver que muitos amigos se encaminham por vias ilícitas. Outro ponto da música que explicita isto é

do tempo de infância
muitos que estavam comigo
hoje o sol vê nascer quadrado
porque o seu sonho era ser bandido.

(SILVA, 2015)

É um estilo que se propõe a cantar a realidade de um povo, por isso, é um estilo que vai além da música sem deixar de ser musical.

Aqui parece-nos necessário fazer um parêntese. O *funk* é um estilo heterogêneo. Há o *funk* consciente. Este é o gênero musical de nosso ar-

tista. Este se aproxima do chamado *funk* raiz. Há o *funk* ostentação que canta o enriquecimento, a fartura, o consumo. Enfim, vários são os subgêneros do *funk*. Nosso artigo pauta-se sobre o *funk* consciente. No entanto, os articulistas não apreciam nenhuma forma de preconceito, lutando sempre para que as pessoas tenham o direito de escolha. Não é a imposição que gera o indivíduo *de facto*, o indivíduo consciente. Retomando, este processo (memória – sensorialidades) só é possível por aquilo que Cybelle Tastaldi Al-Assal chama de rememorar. Para ela, este conceito pode ser definido como o ato de trazer o que já vivemos, aquilo que foi nos transformando naquilo que somos, para o presente, para o agora. Conclui os articulistas que rememorar é costurar passado e presente a partir da sensorialidade comum a memória. “Em outras palavras, nossa biografia e o presente também influenciam, como vemos, nosso próprio passado e aquilo que ‘escolhemos’ recordar dele” (AL-ASSAL, 2013, p. 29). O *funk*, mais especificamente o *funk* do Mc Garden, trás à tona o passado de um povo, e o presente vivenciado por ele. Diante do que é exposto por Cybelle Tastaldi Al-Assal a fala de Luciano Debom Steiw toma um novo entendimento. O *funk* faz parte da cultura juvenil porque ele evoca uma identidade, uma memória e aspirações. Por isso este estilo, no âmbito juvenil, se faz presente nos múltiplos ambientes, desde os mais conservadores aos mais liberais.

10. Bauman e Mc Garden: duas faces da mesma realidade

Como já atestamos Zygmunt Bauman identifica a nossa realidade com a fluidez. Isto se evidencia nas letras do Mc. Na música *sai de cima do muro* o artista canta:

Futilidade em grande quantidade
É vista e conquista mais um Youtuber.

(SILVA, 2016)

A fluidez que se concretiza nas novas maneiras de lidar com a realidade. Uma nova concretude da vida emanada de novas relações táteis com a realidade fruto também do esmaecimento dos afetos.

Esta fluidez gera o indivíduo *de jure*, o ser alienado. Na música *Independência* o Mc canta dependências que mantém o indivíduo em sua condição *de Jure*:

Dependentes da surfasse
E da rede social

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

E a deepweb emergindo agora
Será que isso é proposital?

(SILVA, 2013)

Zygmunt Bauman atesta a necessidade de se perceber a situação de dominado, *de jure* e reagir frente a ela. Isto é evidente na música:

Isso aqui ainda tem jeito
O nosso defeito é ficar parado
Ou você acorda agora ou vai chorar
no futuro
Sai De Cima Do Muro
Sai De Cima Do Muro
Aprimore sua visão pra não dar tiro no escuro.

(SILVA, 2016)

Em outro momento Zygmunt Bauman contempla a nova realidade a surgir com o florescer do indivíduo *de facto*. Mc Garden contempla o caminho:

Consciência, atitude e respeito
Não manjo outro jeito de mudar o mundo.

(SILVA, 2016)

Este é o processo de transformações que darão origem ao novo mundo. Consciência da realidade presente, da condição *de jure* a que o indivíduo e a sociedade estão submetidos; atitude que leva ao abandono da condição *de jure*, do individualismo e a manifestação da cidadania em nível de sociedade e do ser cidadão em nível pessoal; e, por fim, o respeito característica base da sociedade que não são norteadas por relações de dominação e alienação.

Esta é uma tentativa experimental de estruturar um diálogo entre vozes diferentes. Estas vozes, no entanto, se posicionam ante a realidade vivenciada pelos homens de hoje.

11. Considerações finais

Pretendeu-se, neste artigo, fazer a leitura do conjunto musical de Mc Garden à luz da teoria baumaniana. No primeiro momento descreveu-se a visão de Zygmunt Bauman à cerca da sociedade moderna, mostrou-se a formação dos seres constitutivos da sociedade: indivíduo *de jure*, cidadão e a construção do indivíduo *de facto*. Passou-se em diálogo, pelo sujeito alienado de Marx e o processo de fetichização da mercadoria

para se vislumbrar com mais clareza o indivíduo na condição *de jure*. De Zygmunt Bauman ficou o entendimento da liquidez da contemporaneidade, atrelando a ela a formação de identidades fluidas, resultando na formação do indivíduo *de jure*: o sujeito alienado que acredita agir por conta própria. Em seguida, Jean Baudrillard orientou nosso olhar a fim de percebermos a maneira pela qual a mídia perpetua esta condição. Prosseguindo, relacionou-se todo este nicho teórico com a educação, na perspectiva de Zygmunt Bauman, a fim de dizer a real importância desta para a transformação da realidade. Ficou entendido que a educação é o instrumento ímpar para que se realize a travessia do indivíduo *de jure* ao cidadão e, posteriormente ao indivíduo *de facto*. Em um último suspiro, voltou-se o olhar para a visão do individualismo na perspectiva literária de Iam Watt. Em um segundo momento, debruçou-se sobre a figura de Mc Garden. Traçou-se o perfil histórico e cultural do *funk*, a fim de se deslumbrar o espaço ocupado por este estilo dentro da atual sociedade. Em seguida, mudou-se um pouco a ótica, a fim de se descobrir como o Mc em questão traduziu por meio de sua arte as teorias apresentadas no primeiro momento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALCÂNTARA, Fernanda Henrique Cupertino. Karl Marx (1818-1883). In: _____. *Os clássicos no cotidiano*: Auguste Conte, Karl Marx, Aléxis de Tocqueville; Max Weber. 2. ed. São Paulo; Art e ciência, 2008, Cap. 2. p.51-84.

AL-ASSAL, Cybelle Tastaldi. *Musica*: lugar da memória e morada do ser. 2008. 91p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade de São Paulo/ Instituto de psicologia.

ARAÚJO, Théó. *História do funk*: do soul ao batidão. Portal Terra. Rio de Janeiro, Disponível em: <http://www.terra.com.br/reporterterra/funk/historia_do_funk.htm> Acesso em: 14 de Jun. 2016.

BAUDRILLARD, Jean. Significação da Publicidade. In: LIMA, Luiz Costa. *Teoria da cultura de Massa*. 5. ed. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2000, Cap. 9. P.291-299.

BAUMAN, Zygmunt. *Capitalismo parasitário*. 1. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

_____. *Modernidade Líquida*. 1. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

_____. *Sobre educação e juventude*. 1. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2013.

SILVA, Lucas Rocha. *Independência*. Disponível em:
<<https://www.vagalume.com.br/mc-garden/independencia.html>> Acesso em: 15 de jun. de 2016.

_____. *Sai de cima do muro*. Disponível em:
<<https://www.vagalume.com.br/mc-garden/sai-de-cima-do-muro.html>> Acesso em: 15 de jun. de 2016.

_____. *Vários pedidos e homenagem ao Kinho*. Disponível em:
<<https://m.letras.mus.br/mc-garden/1650099/>> Acesso em: 15 de jun. de 2016.

STEIW, Luciano Debom. *Estilos Juvenis na periferia urbana – conhecendo culturas de alunos de uma escola municipal na Restinga Velha*. 2013. 105f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul/Faculdade de Educação.

VIANA, Iara Felix. *Mulheres negras e baile funk: sensualidade, violência e lazer*. 2013. 216f. Dissertação (Mestrado em Lazer) – Universidade Federal de Minas Gerais/ Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia ocupacional.

WATT, Ian. *Mitos do individualismo moderno: Fausto, Don Quixote, Don Juan, Robinson Crusoe*. 1. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.